

Daniel Melo  
Eduardo Caetano da Silva

## Introdução

### **A emigração portuguesa e a pertinência do seu estudo na actualidade**

A emigração pode ser considerada um tema recorrente nas ciências sociais em Portugal. Seja pela sua dimensão demográfica, sua continuidade histórica, sua repercussão em diferentes sectores sociais, sua relação com a economia e a política nacional ou o papel que desempenha no imaginário da nação, a emigração tem sido apontada como um fenómeno estrutural para a sociedade portuguesa (ver Serrão 1971; Godinho 1978; Pereira 2001 [1981]; Leite 1987; Brettell 1990). Todavia, no âmbito de uma agenda de investigação, as contribuições de diferentes disciplinas em Portugal concentraram-se maioritariamente nos aspectos macrossociais e no impacto económico da emigração na sociedade portuguesa, dando menor atenção à experiência desses migrantes nos destinos que escolheram para viver.

Talvez por essa razão, não foram frequentes os contactos mais estreitos dos estudos portugueses sobre a emigração com a bibliografia produzida em diferentes partes do mundo sobre os seus emigrantes e as comunidades por si constituídas. Tal ocorreu apesar da importância que alguns desses estudos revelaram, ao fornecerem subsídios para se discutir a relação de sociedades nacionais tão díspares quanto os Estados Unidos da América, o Brasil ou a França com os seus respectivos migrantes e estrangeiros, e ao fomentarem a reflexão sobre temáticas de ampla relevância sociológica, tais como a integração de estrangeiros, o multiculturalismo e o pós-colonialismo, entre outras. Em contrapartida, é importante notar que esses estudos, ao focalizarem as dinâmicas locais dessas

comunidades, não se ativeram de modo mais sistemático às relações que os migrantes mantinham efectivamente com Portugal, quando muito trazendo referências mais superficiais sobre os discursos do *retorno* e da *saudade*.

A comunicação entre esses dois campos de investigação – que poderíamos *grosso modo* definir como estudos de emigração ou de imigração portuguesa segundo a perspectiva de referência estar centrada em Portugal ou nas sociedades de destino – é de facto recente e em grande medida está associada à incorporação gradual de abordagens transnacionais na temática das migrações. Esse tipo de abordagem permitiu perceber melhor o papel que algumas das comunidades portuguesas jogam no campo do nacionalismo (como agentes ou objectos de debate acerca das políticas de inclusão e exclusão dos Estados-nação com os quais se relacionam), ao focalizar os campos sociais nos quais os migrantes tecem as suas redes de relacionamentos e, por conseguinte, o envolvimento de parcelas desses migrantes na política das sociedades de origem e de residência.<sup>1</sup> Com o avanço das investigações nessa direcção, as dimensões políticas da experiência migratória passaram a compor um importante campo de análise. A ênfase recaiu primeiramente sobre as situações mais dramáticas, para mais tarde incluir as actividades quotidianas<sup>2</sup> dos migrantes e a própria lógica de organização de parcelas desses migrantes em torno de redes associativas.

É nessa última prática, a organização de redes associativas entre os portugueses vivendo fora de Portugal, que os trabalhos apresen-

---

<sup>1</sup> Tal condição não envolve de modo homogéneo, maioritário ou contínuo os migrantes e as comunidades nas quais participam (ver Guarnizo 2003). No caso português, há vectores de classe, género e geração, bem como contextos históricos e políticos que devem ser considerados e perscrutados antes de se postular o carácter transnacional de certos contingentes migrantes (ver Caetano da Silva 2006 e capítulos 2 e 4 desta colectânea). Essa situação surge bem evidenciada na diversidade dos trabalhos que compõem este livro e que testemunha a heterogeneidade dos contextos e formas dessas comunidades, desafiando o nosso esforço comparativo: Argentina, Brasil e Uruguai, Estados Unidos da América, Reino Unido, França e Bélgica, e África do Sul.

<sup>2</sup> Entre as situações dramáticas, poderíamos citar a actividade dos exilados políticos no Brasil, a deportação de açorianos nos Estados Unidos e no Canadá, a polémica sobre o envolvimento ou não de jovens portuguesas na crise dos *banlieus* em Paris em 2005, os protestos em toda a emigração contra o fechamento dos consulados, etc. Entre as actividades quotidianas poderiam ser incluídas as férias dos emigrantes nas suas aldeias natais, o envio de remessas para Portugal (cujo montante representa uma parcela significativa do PIB português), etc.

tados neste livro encontram um ponto de partida e um pretexto para tratar da problemática da migração face à questão nacional. O conjunto das investigações aqui reunidas procura estimular o debate acerca das relações que se estabelecem entre a emigração e as reconfigurações do nacionalismo português e o papel desempenhado por associações de emigrantes nesse contexto. O projecto surgiu originalmente como um desafio a um conjunto de cientistas sociais de diversas proveniências disciplinares para se interrogarem sobre a realidade vivida pelos emigrantes portugueses em diferentes partes do mundo, tendo em vista a problemática da cidadania e, por extensão, da nacionalidade e do nacionalismo, e o facto comum de esses migrantes terem criado (e continuarem a criar) associações no seio das quais desenvolvem actividades diversas – folclore, desporto, religião, teatro, festas, ensino da língua portuguesa, organização de interesses comerciais e *lobbying* político, etc.

Uma primeira versão desta confluência de análises foi apresentada no Simpósio «A construção da nação e o fenómeno associativo na diáspora portuguesa: perspectivas comparadas» (ICS-UL, 24-25 de Maio de 2007), também organizado pelos editores do presente livro. O evento contou ainda com a apresentação e debate de uma produção videográfica recente sobre portugueses residentes em França («Immigration portugaise en France: mémoire des lieux», realizado por Pierre Primetens e com consultoria científica de Irène Stridjhorst dos Santos, 2006) e o debate das comunicações conduzido por Miguel Vale de Almeida (ISCTE) e João Vasconcelos (ICS-UL). A partir de abordagens diversificadas – tanto em relação à vinculação disciplinar e metodológica quanto às hipóteses e ao estado das investigações – o conjunto de trabalhos apresentado no Simpósio iluminou novas indagações sobre a emigração portuguesa. No respeitante à busca de análises comparativas e às relações entre os fluxos emigratórios e aquilo que se pode denominar por processos de construção da nação, há um campo extenso a ser explorado. Nesse sentido, os textos aqui disponibilizados pretendem ser um contributo inicial para a análise comparativa da emigração portuguesa em diferentes contextos e suas conexões com as esferas sociais e políticas, de Portugal e dos países de destino.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Relativamente a estudos de abrangência mais ampla sobre a emigração portuguesa, ver, entre outros, Higgs (1990); Silva, *et al.* (1993); e Feldman-Bianco (1996).

Embora seguindo diferentes *modus faciendi*, os autores têm pontos de contacto nos seus interesses teóricos, resultado de leituras e referências comuns. Não sendo o resultado de um projecto de investigação conjunta, a presente colectânea procura preservar as qualidades do debate que a encetou, ou seja, a abertura de horizontes analíticos e a pluralidade de abordagens propostos como ponto de partida para novas reflexões sobre a relação entre a emigração e os tópicos centrais da cultura política e do nacionalismo português. Segue-se um breve resumo dos oito capítulos que integram a presente obra, em jeito de apresentação e de convite à leitura crítica.

## **Resumo dos capítulos da obra**

No primeiro capítulo, «Associativismo, emigração e nação: o caso português», os coordenadores desta colectânea, Daniel Melo e Eduardo Caetano da Silva, buscam oferecer um panorama dos variados cenários da emigração portuguesa. O capítulo traz um levantamento da bibliografia mais recente sobre a situação em diferentes países e realiza um exercício comparativo, procurando apresentar entre as singularidades locais os traços comuns da experiência dos migrantes portugueses e seus descendentes ao redor do mundo. Destaca-se, nessas circunstâncias, a generalidade do associativismo, de um lado, articulando campos políticos, organizando demandas sociais e construindo sentidos colectivos e sentimentos de pertença comunitária e, de outro, servindo de palco para conflitos identitários e disputas políticas. O trabalho também coloca em perspectiva conceitos normalmente utilizados em estudos migratórios, tais como integração e assimilação, buscando construir um ponto de vista crítico em relação às abordagens comumente utilizadas nos estudos sobre a emigração, o associativismo e a nacionalidade portuguesa. Servindo de moldura aos capítulos seguintes, o texto sugere uma renovação da agenda nesta temática, que, sem ignorar a extensão dos trabalhos já realizados, encaminha o debate em direção a novos tópicos.

Tomando por referência as Festas do Espírito Santo, que mobilizam os migrantes portugueses e o conjunto das suas associações e entidades na Nova Inglaterra (EUA), João Leal problematiza a

categorização dessa comunidade como transnacional no capítulo «Associativismo e transnacionalismo: organizações açoriano-americanas na Nova Inglaterra». Ao descrever os diferentes vínculos entre indivíduos, associações e órgãos oficiais portugueses e norte-americanos, o autor cria uma distinção entre três modalidades de transnacionalismo: político, sociocultural e étnico militante. Analisando cada um deles com base no seu trabalho de terreno, o antropólogo faz surgir um novo retrato, mais complexo e matizado, das comunidades portuguesas que há mais de um século povoam a costa leste norte-americana. Para além de supostas contradições entre o ruralismo dos emigrantes frente ao perfil industrial e urbano da localidade onde se instalaram, Leal procura investigar os campos sociais que esses emigrantes constroem e compreender em que medida e em que níveis relacionam a terra natal e o lugar onde residem.

Em «Associações portuguesas, integração social e identidades colectivas: o caso do Uruguai», Carreiras e Malamud propõem uma análise do associativismo português no Uruguai, articulando as suas características com o processo de integração social de imigrantes e lusodescendentes e a construção de identidades colectivas. O papel das associações é visto na dupla faceta de construção e reforço de referenciais nacionais portugueses (efeito *etnicizante*) e de veículo de *assimilação* dos imigrantes à cultura da sociedade receptora. Dada a origem socioeconómica da maioria dos emigrantes, o esforço associativo apresenta-se centrado na solidariedade social (mutualismo, assistência médica, serviço fúnebre) e nas sociabilidades, mas sempre numa perspectiva de abertura à sociedade de acolhimento e a outras comunidades imigrantes, como a galega. Captando a revitalização do associativismo, a partir da década de 1980, o capítulo, além de um debate teórico prévio, apresenta um quadro analítico específico e desenvolve uma análise empírica do caso uruguaio, baseada na informação recolhida para o projecto «Do fado ao tango: emigração e emigrantes portugueses na região platina» (CIES-ISCTE, 2005-2007).

O sentimento de nacionalidade e as narrativas e práticas de pertença à nação entre filhos e netos de migrantes portugueses no Brasil e em França são o núcleo da análise empreendida por Eduardo Caetano da Silva e Irène Strijdhorst dos Santos no capítulo «*A mesma juventude noutra latitude: lusodescendentes do Brasil e da França frente ao projecto nacional das comunidades*

portuguesas». Desenvolvendo a análise em duas frentes, os autores buscam iluminar os nexos entre as políticas nacionalistas do Estado português para a emigração e a experiência quotidiana de jovens emigrantes e descendentes de emigrantes nas localidades onde vivem. Partindo da extensão legal da nacionalidade portuguesa aos emigrantes nos anos 1980, os autores exploram os mecanismos que sustentam diferentes visões da presença portuguesa no mundo, assentes principalmente nos discursos políticos sobre as *comunidades portuguesas* e, mais recentemente, na ideia de *lusodescendência*. Para esta finalidade, apresentam a etnografia de um evento (o 3.º Encontro Mundial de Jovens Emigrantes e Lusodescendentes), realizado no ano de 2001, em Portugal, o qual reuniu 82 jovens de 20 países sob o lema «a mesma juventude noutra latitude». O capítulo é fruto da parceria entre os antropólogos que a partir de investigações independentes em Portugal, Brasil e França, tratam de questões comuns, como a lusodescendência.

O texto de Elsa Lechner focaliza a história de vida de um português em França, António Cravo, cuja trajectória revela as múltiplas possibilidades da emigração e aponta para processos identitários e subjectivos que constituem a experiência dos migrantes. Ao narrar a sua história, Cravo expõe os contextos da emigração, desde a perspectiva de sua aldeia até Paris, onde vive actualmente. As suas variadas inserções sociais, incluindo a sua militância associativa, dão um interessante testemunho da ruptura representada pelo acto de emigrar. Da capacidade *sui generis* que Cravo tem para integrar e dar coerência às suas identidades, passando de «zorro» (termo depreciativo usado em Trás-os-Montes para os filhos gerados fora do matrimónio) à figura de destaque na sua aldeia, Lechner faz surgir um retrato diferenciado da emigração. Nele, as particularidades da experiência de Cravo são um contraponto para as trajectórias comuns e a opacidade das histórias silenciadas pela reprodução dos estereótipos da emigração. Este capítulo é uma linha de pesquisa desenvolvida a partir da tese de doutoramento da autora.

Em «Portugalidade e regionalidade no associativismo migrante português: o caso da Bélgica», Daniel Melo analisa o contributo de associações voluntárias de emigrantes portugueses na construção de uma identidade nacional e/ou subnacional, através do estudo de caso de um país central na construção europeia. Para o efeito, mapeia os principais mecanismos subjacentes à elaboração de

uma portugalidade e de que modo essa identidade é influenciada ou concorre com elementos de origem regional. Outro eixo analisado é o das relações institucionais com os poderes políticos de origem e de destino na formulação dessa vertente da actividade programática associativa. Por fim, é verificado qual a relevância desse inter-relacionamento na legitimação dessas associações enquanto mediadoras simultaneamente com os Estados-nação e as sociedades de origem e de inserção. O autor é especialista no estudo do associativismo voluntário, articulando esta temática com a das migrações desde 2003.

O capítulo 7, de autoria de Andrea Klimt, analisa os projectos de vida, as narrativas sobre identidade nacional e os sentidos de «casa» e de pertença correntes entre os migrantes portugueses que se estabeleceram na cidade de Hamburgo, Alemanha, a partir dos anos 1960. No meio de transformações sociais profundas ocorridas nas últimas duas décadas, que incluem a reunificação alemã e a incorporação portuguesa na União Europeia, a autora aborda as experiências desses migrantes e o modo como estão a negociar a sua presença na Alemanha e em Portugal. Apoiados inicialmente num discurso de retorno à terra natal e de permanência temporária em solo alemão, esses migrantes actualmente valem-se do novo estatuto da cidadania europeia, bem como de novas tecnologias de deslocamento, para assumirem estilos de vida transnacionais, nos quais a conexão com Portugal e com suas vilas de origem pode ser mantida e alimentada à distância, estabelecendo complexas comunidades multilocais que se constroem sobre as fronteiras nacionais dos dois países.

Marcos Toffoli da Silva traça a sua análise sobre a situação da comunidade portuguesa na África do Sul a partir dos debates públicos em torno da *Marcha contra o Crime*, manifesto político encabeçado por um padre português em 2000 para exigir providências do governo sul-africano na contenção da violência supostamente direccionada aos portugueses residentes no país. Uma carta deste padre endereçada ao Presidente da República Sul-Africana torna-se o estopim de uma série de acusações mútuas entre governantes sul-africanos e lideranças associativas da comunidade portuguesa local, colocando em questão a posição dos portugueses face à continuidade dos problemas de racismo enfrentados no país, mesmo no pós-*apartheid*. Uma visão rígida das divisões sociais ancoradas em distinções essencializadas e racializantes de grupos e

indivíduo compõem o cenário, onde a portugalidade é um capital ambivalente da branquitude e onde os portugueses representam uma minoria étnica. Além de expor as características desta comunidade (composta sobretudo por madeirenses e ex-colonos oriundos de Moçambique e de Angola), o autor apresenta uma faceta conflituosa e pouco comum se comparada com a visão geral que se tem sobre a emigração portuguesa.

## **Agradecimentos**

A publicação deste livro é tributária de entidades e pessoas às quais gostaríamos de agradecer publicamente.

A começar, pelo apoio recebido para realização do Simpósio Internacional, agradecemos ao ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (em particular à Dr.<sup>a</sup> Margarida Bernardo), que nos cedeu apoio logístico e financeiro, bem como as suas instalações, e à FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Ciência, da Tecnologia e do Ensino Superior, pelo apoio financeiro.

Um agradecimento especial vai para os investigadores que aceitaram o convite para participar nesta colectânea, especialmente por direcionarem as suas análises para o eixo temático proposto durante o Simpósio. Aos debatedores, João Vasconcelos e Miguel Vale de Almeida, a nossa gratidão pela disponibilidade para reflectirem criticamente sobre as comunicações e por expandirem e enquadrarem o debate de um ponto de vista teórico-conceptual.

O nosso reconhecimento vai também para o público participante no evento, cujas questões e sugestões colocadas enriqueceram o debate.

Endereçamos ainda um agradecimento ao Prof. Onésimo Teotónio Almeida, não só pelo seu frutuoso parecer como por ter aceite o nosso convite para ser o prefaciador deste livro, o que muito nos sensibilizou.

Por fim, estamos reconhecidos à Imprensa de Ciências Sociais: em primeiro lugar na pessoa da sua directora, a Dr.<sup>a</sup> Cristiana Bastos, por ter acolhido com interesse e propostas valorizadoras o nosso manuscrito; em segundo lugar, nas pessoas da Dr.<sup>a</sup> Clara Cabral e do Dr. João Segurado, pelo cuidado na edição do livro.



## Referências bibliográficas

- Brettel, Caroline B. 1990. «Leaving, remaining, and returning: the multifaceted Portuguese migratory system». In *Portuguese Migration in Global Perspective*, org. David Higgs. Toronto: Multicultural History Society of Ontario, 61-80.
- Caetano da Silva, Eduardo (2006). «Repensando o transnacional: reflexões a partir da migração portuguesa para o Brasil e para a França». Comunicação apresentada no 30.º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), GT Migrações Internacionais, Caxambu-MG, 24 a 28 de Outubro.
- Feldman-Bianco, Bela. 1996. «Imigrantes portugueses, imigrantes brasileiros. Globalização, antigos imaginários e (re) construções de identidade (uma comparação triangular)». In *Projeto Integrado: Identidades: Reconfigurações de Cultura e Política. Estudos de Migrações Transnacionais de População, Signos e Capitais*. Campinas: Unicamp.
- Godinho, Vitorino Magalhães. 1978. «L'émigration portugaise (xv<sup>e</sup>-xx<sup>e</sup> siècles), une constante structurelle et les réponses au changement du monde». *Revista de História Económica e Social*, n.º 1: 5-32.
- Guarnizo, Luis Eduardo, Alejandro Portes e William Haller. 2003. «Assimilation and transnationalism: determinants of transnational political action among contemporary migrants». *American Journal of Sociology*, 108, n.º 6: 1211-1248.
- Higgs, David, coord. 1990. «Portuguese migration in global perspective». Toronto: Multicultural History Society of Ontário.
- Leite, Joaquim Costa. 1987. «Emigração portuguesa: a lei e os números (1855-1914)». *Análise Social*, XXIII, n.º 97: 463-480.
- Pereira, Miriam Halpern. 2001 [1981]. «A política portuguesa de emigração». *Diversidade e Assimetrias: Portugal nos Séculos XIX e XX*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 155-222.
- Primetens, Pierre, e Irène Stridjhorst dos Santos. 2006. «Immigration portugaise en France: mémoire des lieux». Paris: Confluences (documentário audiovisual).
- Serrão, Joel. 1971. *Emigração Portuguesa. Sondagem Histórica*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da, et al., coord. 1993. *Emigração/Imigração em Portugal: Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (Séculos XIX-XX)*. Algés: Editorial Fragmentos.